DO INFRAORDINÁRIO A ECOSOFIA: PROCESSO DE DESENHAR O JARDIM DO PEQUENOS INCONVENIENTES

DHEIVISON ARAÚJO DA SILVA[1]; ALICE JEAN MONSELL[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – dheivisonaraujo@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As discussões deste texto são uma ramificação da pesquisa que estou desenvolvendo no Mestrado em Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Artes da UFPEL, na qual estou criando três séries de desenhos que exploram as relações de gesto, espaço e tempo no processo de criação. Para este resumo, apresentarei quatro desenhos de uma das minhas séries, *O Jardim dos Pequenos Inconvenientes*, descrevendo os procedimentos e técnicas utilizados na sua criação.

Esses desenhos partem de algumas perspectivas. A primeira é a representação do ínfimo: a figuração desses desenhos surgem de pequenas coisas que me atraem ao percorrer a cidade, como as pequenas plantas que crescem em rachaduras nas paredes. Para mim, essas plantas são evidências da resistência da natureza contra o concreto, representando uma situação inconveniente, ou seja, o que chamo de "um inconveniente" para os humanos (ervas daninhas). Além de perceber essas pequenas plantas, observou a contradição do lixo despejado ao lado de uma lixeira, refletindo sobre o descarte.

O segundo aspecto é a materialidade. Partindo de uma perspectiva ecológica, os suportes de desenho que utilizo são papéis descartados que são encontrados durante o meu deslocamento na cidade, ou os quais são jogados fora no ateliê.

O terceiro aspecto se trata do tamanho do suporte dos desenhos, que são pequenos, com dimensões de até 15 cm. Dessa medida, emerge a escala percebida como “pequena” em relação ao tamanho do meu corpo, determinado por um tamanho da obra, de acordo com minha exigência busco como artista criar um desenho que caiba na palma da mão.

Por fim, o quarto ponto é o próprio ato de desenhar, envolvendo um conjunto de procedimentos manuais executados com lápis de cor. Um dos desafios que deparei na construção dessa série é a diferenciação do suporte que modifica os meios no processo de desenhar. Um papel mais liso me traz mais facilidade para preencher a cor mas dificulta a construção de mais camadas sobrepostas. O suporte mais áspero possibilita maior integração de camadas de cores, porém sinto que necessita maior precisão para preencher a superfície do papel. Questões estas me mantiveram ativa para adaptar minha percepção e gesto no processo.

Como aporte teórico para este trabalho, utilizo a metodologia de pesquisa em poéticas visuais discutida por Rey (2012) no livro *Meio como Ponto Zero*. O texto de Perec (2011), *O Infraordinário*, convida-nos a observar ativamente o ínfimo, experiência que busco em meus deslocamentos pelos lugares onde caminho em Pelotas. Esse pensamento se relaciona com o ensaio de Guattari (2011), *As Três*

Ecologias, que propõe a ecosofia que é uma filosofia 'ético-estética e social que propõe lidarmos com nossa relação com os ambientes em que vivemos de forma coesa, afirmando que a subjetividade, a comunidade e o meio ambiente estão interligados e se contrapõem. Esse modo de pensar a relação entre o ser humano e a natureza é algo que tento visualizar em minha produção.

2. METODOLOGIA

Como aponta Rey (2012) em seu texto sobre a metodologia de pesquisa em poéticas visuais, iniciamos nossa pesquisa pelo meio, entendendo que minha obra surge de algo, como procedimentos, referenciais, termos ou experiências no fazer poético. Que compreendo como força impulsionando novas possibilidades de criação, expressão e reflexão. Dessa forma parto dessa metodologia para pensar sobre o meu processo e obras.

O pensamento por trás da série *O Jardim dos Pequenos Inconvenientes* surgiu de uma falta, que inicialmente não me parecia tão importante. Durante a pandemia, e em consequência a quarentena que me impediu de sair de casa, anteriormente as experiências de caminhar pela cidade me pareciam triviais; mas, no pós-pandemia, essa mesma experiência me pareceu mais rica visualmente. Senti-me como uma criança descobrindo o mundo, o que não é tão distante, pois me considero um artista recém-nascido. Sempre há mais coisas para viver, lugares para encontrar e mundos para criar.

Para essa série, os meus procedimentos de desenhar envolvem pequenas plantas que observei durante caminhada em Pelotas. Escolho tipos de vegetação específica: aquelas que considero resistentes, no sentido de passar a sensação visual de ser plantas que lutam para a sobrevivência. Observo samambaias nas rachaduras das paredes, dentes-de-leão nas calçadas, suculentas nos telhados e grama pendurada em fios elétricos pelas ruas da cidade.

Meu caminhar como etapa do processo poético de criação dos desenhos alimenta meu pensamento, levando-me a uma exploração quase fabulatória do meu fazer. Sinto-me como um cientista ampliando o universo com um telescópio (olho) para revelar detalhes do mundo. Engraçado pensar que o formato circular dessa série remete às imagens ampliadas vistas através de uma lente de telescópio ou lâminas preparadas para um microscópio. Ao buscar o infraordinário, tal como um microscópio na cidade, estou explorando os pequenos inconvenientes urbanos.

Nessa percepção das coisas pequenas no meu entorno, trago Perec (2011) e seu conceito de infraordinário, que dialoga com a ecosofia de Guattari (2001) em *As Três Ecologias*. Vejo uma relação entre esses dois conceitos que consigo conectar com minha prática artística. O infraordinário envolve uma observação cuidadosa do cotidiano, em que o "infra" mantém nossos sentidos ativos nas coisas que nos cercam e o "ordinário" revela que as coisas imperceptíveis têm simplicidade e força poética. Ao me deslocar pela cidade com uma sensibilidade renovada, sinto que estou me apropriando desse olhar infraordinário.

Esse olhar abre diversas possibilidades e sentidos. Por exemplo, o lixo torna-se mais instigante despertando o olhar cada vez mais observador, incentivando a consciência para questionar sobre o descarte e a reutilização dos resíduos, e propondo um movimento de manter-se ativo em relação ao nosso entorno e à natureza.

A seleção dos papéis utilizados como suporte para desenvolver os desenhos da série provêm desse método infraordinário de observação do meu cotidiano (ANDRADE; SILVA, 2023): papéis recortados do ateliê, embalagens vazias da casa e resíduos encontrados nas ruas. Tudo aquilo que é considerado descartável ou lixo, o que normalmente jogamos fora.

Nesse processo, surge a ecosofia em meu trabalho, uma "filosofia ético-estético-política que nos propõe lembrar que subjetividade humana, relações sociais e o meio ambiente não estão separados, mas em constante troca e compartilhamento de experiências" (Guattari, 2001, p. 8). Meu agir não está separado do contexto em que vivo; o que faço reflete nas pessoas ao meu redor e no ambiente em que vivo. Como o autor nos propõe pensar:

> Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar " transversalmente" as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência social e individuais.(GUATTARI, 2001, p.25)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento de uma série de desenhos, nessa investigação, foi alimentada pela falta de não poder realizar deslocamentos na cidade durante a pandemia. Essa falta despertou a ativação dos sentidos ao meu redor, primeiro no espaço privado e depois, no público, e pela necessidade de refletir sobre uma prática artística ecológica, resultante da experiência que me atravessa em todos os aspectos, quanto pessoal e social.

A série *O Jardim dos Pequenos Inconvenientes* (Figura 1) surge a partir da percepção do pequeno. Percebo que essa percepção vem do corpo, nosso primeiro ponto de vista e referencial. Ao pensar em um suporte pequeno, considero a escala do meu corpo, algo palpável, que não pode ser maior que minha mão. Essa relação não se restringe a essa série, mas se estende a outras que estou desenvolvendo atualmente.

Figura 1. Dheivison Araújo, Série *O jardim das pequenas inconveniências*, lápis de cor sobre papel resgatados, 10 cm x 10 cm, 2024.

Além dessas perspectivas, a série continua a se desenvolver, e sinto que ainda há muito a explorar. É um projeto que me instiga a vivenciar a cidade e a propor diferentes olhares sobre ela. Pode ser uma visão incisiva como a de uma

lâmina preparada para um microscópio, ou uma percepção fabulatória como um mapa cósmico de uma visão geocêntrica. Ou, como um poeta, sentir e declamar o viver.

Quero ser um dente de leão,
numa fissura
brotar,
crescer,
florir
e me espalhar
pois sou grande demais para estar apenas nas rachaduras de uma calçada.
Ser fluido, capaz de acompanhar o vento. E múltiplo a ponto de virar poesia.

4. CONCLUSÕES

Fechando a discussão com poesia, busco concluir este texto num lugar que sei muito bem não estar finalizado. A série *O jardim dos pequenos inconvenientes,* como disse, está em seu início. Pretendo sempre incentivar sua modificação e continuar a caminhar pelo infraordinário e senti-lo como um campo fertil para cultivar minhas figurações artísticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE ANDRADE CAMPOS, Bruno; SILVA DA SILVA, Mariana. O infraordinário como método investigativo em artes visuais: Relato de pesquisa tendo o jardim como ateliê. **Revista da FUNDARTE,** *[S. l.]*, v. 56, n. 56, p. 1–14, 2023. DOI: 10.19179/rdf.v56i56.1183. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1183 . Acesso em: 5 set. 2024.

PEREC, Georges. **L'infra-ordinaire**. Paris: Seuil, 2011.

REY, S. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Porto Arte:** Revista de Artes Visuais (Qualis A2), *[S. l.]*, v. 7, n. 13, 2012. DOI: 10.22456/2179-8001.27713. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713. Acesso em: 4 set. 2024.

GUATTARI, F. **As três ecologias.** Campinas: Papirus, 2001.